ARGENTINA E INGLATERRA: ADVERSÁRIOS PARA ALÉM DAS QUATRO LINHAS? O USO MIDIÁTICO DA GUERRA DAS ILHAS MALVINAS NA COPA DO MUNDO DE 1986

Weslei da Mota Cordeiro[1]
Jonathan Rocha de Oliveira[2]
André Mendes Capraro[3]

Resumo: O presente estudo investigou como a mídia brasileira abordou e promoveu a partida entre as seleções de futebol da Argentina e da Inglaterra na Copa do Mundo de 1986, uma vez que os desdobramentos da Guerra das Malvinas, ocorrida em 1982, poderia ter tangenciado o futebol, especialmente no mundial daquele ano. Para tanto, utilizamos como fontes alguns jornais impressos brasileiros da época, e, na sequência, para o tratamento das reportagens, a metodologia da Análise de Discurso, buscando dessa forma compreender seus "significados" e "sentidos". Foi possível identificar discursos explícitos e implícitos envolvendo a Guerra das Malvinas nas falas de diferentes atores – políticos, técnicos e jogadores argentinos e ingleses.

Palavras-chave: futebol; Guerra das Malvinas; mídia

Introdução

Ao longo da história, e em especial no século XX, as relações entre esporte e política mostraram-se recorrentes, sendo que a própria gênese e difusão daquele não está destituída de vínculos políticos (SIGNOLI; DE ROSE JR., 2004). Nesse sentido, uma das possibilidades de investigação está no elo entre o esporte e a identidade nacional. Em contato com Arraya, Bravo e Corrales (2000), vislumbramos uma tentativa de conceituar a identidade nacional, entendida como resultado de um processo relacionado ao surgimento e crescimento das repúblicas, na qual houve a necessidade de fazer com que seus habitantes se sentissem parte de um território e de uma mesma comunidade.

O papel da mídia na produção dessa identidade nacional através do desporto é essencial, visto o uso mimético que os jornais esportivos fazem entre uma determinada seleção de futebol e seu país, promovendo partidas não como se os selecionados estivessem em confronto, mas os próprios países. Utilizam como evento essencial para isso a relação histórica construída paulatinamente entre os países envolvidos na partida, a partir de elementos como os conflitos diplomáticos e bélicos, a mote de exemplo (ARAYA; BRAVO; CORRALES, 2000). Nesse contexto, na Copa do Mundo de 1986, ocorrida no México, seria a primeira vez que uma seleção britânica - Inglaterra - enfrentaria a seleção da Argentina após a Guerra das Malvinas[4]. Cabe ressaltar o envolvimento do governo brasileiro no confronto, auxiliando discretamente seus vizinhos argentinos (NETO, 2006). Assim, engendra-se a seguinte questão norteadora: quais foram

[1] Acadêmico do curso de Educação Física, na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: wesleimota@yahoo.com.br
[2] Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: jonathan.cwb3@gmail.com
[3] Doutor em História e professor na Universidade Federal do Paraná. E-mail: andrecapraro@onda.com.br
[4] Adotaremos o termo "Malvinas" em consonância ao discreto posicionamento do governo brasileiro em favor dos argentinos na época. Cabe ressaltar que a Organização das Nações Unidas utiliza o termo "Falkland/Malvinas" (NETO, 2006).

os possíveis usos políticos do esporte na Copa do Mundo de 1986? Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi investigar como a mídia brasileira abordou e promoveu a partida entre a seleção de futebol da Argentina e da Inglaterra no mundial daquele ano, por meio de fontes impressas brasileiras da época.

Materiais e Métodos

Para a realização da pesquisa, acessamos o acervo da Hemeroteca Digital Brasileira e da Biblioteca Pública do Paraná e elencamos reportagens do período entre três dias antes e três após a partida. Os jornais brasileiros contemplados foram: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Gazeta do Povo, e o Jornal do Brasil. Além disso, utilizamos a Análise de Discurso, pautada nos pressupostos de Eni Orlandi (1999), como método de investigação científica acerca dos discursos dos atores envolvidos na partida, buscando compreender os "significados" e "sentidos" presentes.

Resultados e Discussão

No ano de 1833, o império britânico havia tomado a posse do arquipélago das ilhas localizadas no oceano atlântico sul, que estava sob domínio argentino. A resposta viria um século e meio mais tarde, quando as forças armadas argentinas invadiram as ilhas Malvinas no dia 2 de abril de 1982, reiniciando uma guerra pelo território. No entanto, as tropas argentinas foram novamente derrotadas (NETO, 2006). Não obstante, diversos países se envolveram no confronto, entre eles o Brasil, que possuía relações comerciais com os argentinos e ingleses. O governo brasileiro adotou uma postura discretamente favorável aos vizinhos argentinos, visando "solidificar as bases das boas relações políticas e econômicas entre os dois países" (NETO, 2006, p.11).

No prisma esportivo, as consequências da Guerra das Malvinas foram sentidas já na Copa do Mundo de 1982, uma vez que a rendição das tropas argentinas aconteceu um dia após a estreia da seleção da Argentina na competição (FARIAS, 2014, p.453). Diego Maradona, um dos grandes jogadores daquela seleção, chegou a declarar a importância da classificação para reerguer a moral do país com aquela situação: "Existe todo um povo argentino humilhado com a rendição de seus soldados nas ilhas do Atlântico Sul esperando que isso [classificação] aconteça." (JORNAL DO BRASIL, 17 de Junho de 1982, p.3). Por parte dos ingleses, Kevin Keagan, um dos famosos jogadores da equipe, sugeriu que as seleções britânicas boicotassem o Mundial se a Argentina participasse, numa ação nacionalista e de protesto (FARIAS, 2014, p.455).

Contudo, foi nos dias que antecederam o 22 de junho de 1986, data em que as seleções da Argentina e da Inglaterra se enfrentaram no Estádio Azteca, na fase de quartas de final, que o clima envolvendo a guerra e as duas seleções mostrou-se mais acirrado. Após defino que ambas seleções se enfrentariam, parte da mídia buscava declarações do selecionado inglês, como foi feito com o técnico Bobby Robson, que respondeu afastando outras indagações sobre o assunto: "Sou um técnico e não um político." (JORNAL DO BRASIL, 19 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.6).

Exemplo da amplitude e importância dessa relação, foi a declaração do então presidente argentino Raul Alfonsín pedindo calma aos jogadores, em menção ao clima bélico que começava a permear a partida (FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.44). Alguns políticos peronistas - opositores ao governo de Alfonsín - clamavam que a seleção argentina de futebol não entrasse em campo, como forma de protesto e afirmação da soberania da Argentina sobre as Ilhas Malvinas, e contra a postura do governo inglês, que, segundo eles, era "beligerante" (O ESTADO DE SÃO PAULO, 21 de junho de 1986, Caderno de esporte, p.21; FOLHA DE SÃO PAULO, 22

de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.44). Esse posicionamento dos políticos argentinos foi considerado um absurdo pelo jogador e capitão da seleção argentina, Maradona: "Eles não têm ideia do que se trata porque nunca jogaram futebol e não acredito que entendam nada do que sente um jogador ao estar competindo num mundial." (GAZETA DO POVO, 22 de Junho de 1986, Caderno de esporte, p.31). Pelo lado britânico, o responsável pelas relações exteriores do Partido Trabalhista, George Foulkes, declarou que "Uma grande parte dos meios de comunicação está convertendo a partida numa nova versão da Guerra das Malvinas e parecem realimentar a hostilidade entre os dois países" (JORNAL DO BRASIL, 21 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.8).

Desse modo, diversos jornais da época noticiaram explicitamente essa tensão, a partir de diversas manchetes: "Guerra motiva o jogo de amanhã" (JORNAL DO BRASIL, 21 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.8); "Jogo revive clima de ódio da guerra das Malvinas." (FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de Junho de 1986, p.29); "Argentina e Inglaterra pode virar uma 'guerra' no campo." (GAZETA DO POVO, 22 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.31). O clima envolvendo a guerra e as duas seleções estava tão acirrado que Dick Tracey, ministro do esporte britânico, entrou em contato com as autoridades mexicanas para conversar sobre a segurança do evento, que por sua vez foi reforçada com o policiamento para essa partida, sendo composto por cerca de 15 mil policiais dentro e fora do estádio Azteca (FOLHA DE SÃO PAULO, 22 de Junho de 1986, p.44; O ESTADO DE SÃO PAULO, 21 de junho de 1986, Caderno de esportes, p.21).

Se por um lado a falta de relações diplomáticas entre os dois países, principalmente pelo lado argentino, que não havia dado nenhuma declaração oficial sobre o fim das hostilidades à Grã-Bretanha até então, era motivo de preocupação, pois transferia uma tensão para o estádio, por outro, em consequência dessa falta de relação amistosa, temia-se que os famosos torcedores violentos ingleses (Hooligans) e os torcedores argentinos (barra-bravas) - que no jogo contra a Bulgária, ainda na fase de grupos, queimaram uma bandeira inglesa -, causassem tumultos durante a partida (O ESTADO DE SÃO PAULO, 22 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.47). A torcida argentina, inclusive, fazia questão de lembrar da guerra, prometendo levar à partida no estádio Azteca a bandeira com os dizeres "Las Malvinas son Argentinas", que já havia aparecido no confronto entre os selecionados argentino e uruguaio nas oitavas de final do mundial (FOLHA DE SÃO PAULO, 19 de Junho de 1986, p.29). Na partida, alguns conflitos entre torcedores foram noticiados, como brigas e bandeiras inglesas rasgadas (JORNAL DO BRASIL, 23 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p.8).

O jogador argentino Maradona pedia que os torcedores esquecessem o lado político do jogo, pois os atletas não pensavam nisso: "Os torcedores precisam esquecer a política. Entre nós, jogadores, não haverá qualquer problema. Quando vamos para o campo levamos uma bola e não uma arma." (O ESTADO DE SÃO PAULO, 20 de Junho de 1986, Caderno de esportes, p. 36). Segundo Alabarces (2002, p.141), em 1986 a Argentina passava por um período de transição democrática, onde as lembranças da Guerra das Malvinas apareciam como uma memória vergonhosa dos excessos patriotas e das aventuras militares, tolhendo declarações ligando a conquista esportiva ao fracasso bélico. Ainda assim, contrapondo a atitude dos outros atores envolvidos, que tentaram não associar a partida ao conflito, o goleiro titular argentino Nery Pumpido havia declarado dias antes que seria uma dupla satisfação ganhar da Inglaterra "por tudo que aconteceu nas Malvinas" (FOLHA DE SÃO PAULO, 20 de junho de 1986, p. 34). No campo, a vitória de fato aconteceu, com a seleção argentina ganhando por 2 a 1 da seleção inglesa.

Considerações finais

A Guerra das Malvinas/Falklands, ocorrida em 1982, se estendeu a muitos outros segmentos distantes da política externa e militar, entre eles o futebol. Essa relação se mostrou intensa em especial na Copa do Mundo de 1986 ocorrida no México, onde as seleções da Argentina e da Inglaterra se enfrentaram nas quartas de final. A identidade nacional é uma chave explicativa para entendermos o porquê dessa transcendência para o campo esportivo, visto que ambos países ainda tinham na memória os fatos ocorridos na Atlântico Sul. Haja vista as relações comerciais e econômicas do Brasil com Argentina e Inglaterra, os jornais impressos do Brasil, nessa ocasião, foram um importante canal de construção e veiculação dessa tensão envolvendo a guerra e a partida, através de diversos discursos e seus respectivos "significados" e "sentidos" (ORLANDI, 1999).

Dessa forma, os discursos envolvendo Guerra das Malvinas estavam inteiramente presentes nas mais diferentes personalidades, desde políticos à técnicos de futebol, e nas mais variadas formas, desde as mais explícitas até as, aparentemente, dissociadas do episódio bélico, que foi dominante naquela ocasião devido à ética profissional. Percebeu-se uma maior difusão de discursos do lado argentino, uma vez que fazia-se pressão para se constituir um clima de vingança com o fato ocorrido quatro anos antes.

Referências bibliográficas

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.

ARAYA, Rodrigo; BRAVO, Loreto; CORRALES, Osvaldo. Entre glorias y agonías: fútbol e identidad nacional en la prensa. **Comunicación y Medios**, Santiago, 2000, p.6773.

BARROS, Ana Paula Alves. Contexto nacional e internacional argentino: rumo às Malvinas em 1982. In: XXVI Simpósio Nacional de história, 1., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: Anpuh-sp, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300735466_ARQUIVO_simposio2011.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2016.

FARIAS, Airton de. Copa do Mundo no México em 1986. In: _____. **Uma história das Copas do Mundo**: futebol e sociedade. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2014. Cap. 16. p. 478-513.

NETO, Tomaz Espósito. **A política externa brasileira frente ao conflito das Falklands/Malvinas (1982)**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2006.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

SIGNOLI, Mario André; DE ROSE JR., Dante. A história do uso político do esporte. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, 2004, vol.12, num. 2, p.111-119.